

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM A MONSTRA – FESTIVAL DE ANIMAÇÃO DE LISBOA
8 de outubro de 2020

LE ROI ET L'OISEAU / 1980
(O Rei e o Pássaro)

Um filme de Paul Grimault

Realização e Montagem: Paul Grimault / *Argumento:* Paul Grimault e Jacques Prévert (também autor dos diálogos), baseado no conto de Hans Christian Andersen *A Pastora e o Limpa-chaminés* / *Música:* Wojciech Kilar, interpretada pela Grande Orquestra Sinfónica da Rádio e Televisão Polaca de Katowice (WOSRPI TV) sob a direção de Stanisław Wisłocki / *Direção de Fotografia:* Gérard Soirant / *Direção Artística:* Pierre Prévert / *Décors:* Paul Grimault, com a colaboração artística de Lionel Charpy e Roger Duclent / *Montagem de Som:* Aline Asséo e René Chaussy / *Animação:* Gabriel Allignet, Philippe Leclerc, Marcel Colbrant, Franco Milia, Alain Costa, Bernard Roso, Guy Faisien, Alberto Ruiz, Henri Lacam, Jean Vimenet, Philippe Landrot, Pierre Watrin, Caroline Yordamlis (assistente), etc. / *Escolha das Vozes e Colaboração Artística:* Pierre Prévret / *Assistência de Realização:* Emile Bourget / *Vozes:* Jean Martin (O Pássaro), Pascal Mazzotti (O Rei), Raymond Bussières (O Chefe da Polícia), Angès Viala (A Pastora), Renaud Marx (O Limpa-chaminés), Hubert Deschamps (O Sentencioso), Roger Blin (O Cego), Philippe Derrez (O Atendente do Elevador e o *Speaker*), Albert Medina (O Beluário), Claude Piéplu (O Prefeito do Palácio) / *Cópia:* DCP, cores, em francês, com legendas em inglês e legendado eletronicamente em português / *Duração:* 84 minutos / *Estreia Mundial:* 19 de março de 1980, França / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

A força da mão robótica que esmaga a gaiola é o remate deste filme que é, para Fernando Galrito, invocando palavras trocadas para a escrita desta Folha de Sala, “uma obra-prima da animação mundial (...), uma história e realização ímpar de Paul Grimault [em que] temos um filme de uma finura de personagens e animação que, em minha opinião, ultrapassa algumas das grandes obras de Walt Disney.” O simbolismo dessa mão que desfaz em mil pedaços a prisão do frágil passarinho impedido de conhecer as nuvens pertence a um gigante metálico, que, passadas várias décadas, viria a ser usado por Brad Bird como inspiração para o seu clássico **The Iron Giant** (1999). O filme de Grimault, como, aliás, o mais contemporâneo de produção americana, é uma ode à força da amizade contra a tirania, uma espécie de versão animada, situada no contexto de uma monarquia absolutista feita à imagem da de Luís XIV, de **Metropolis** (1927), jogando o *décor* um papel tão decisivo quanto no clássico de Fritz Lang: o gigantesco palácio que o Rei implacável demora tempos infinitos a subir assenta numa cidade subterrânea onde homens, mulheres, crianças e idosos apenas sonham com – e especulam sobre como será – a luz do Sol e as penas de um pássaro.

Nesse sentido, apetece-me dizer que o tema principal de **Le roi et l’oiseau** é a procura da liberdade. Com efeito, mais do que a história de amor, o filme de Grimault, coescrito por Jacques Prévert a partir do conto de Hans Christian Andersen, *A Pastora e o Limpa-chaminés*, é uma parábola sobre a importância de se dizer não à prepotência, resistindo contra todas as formas de autoritarismo. O pássaro que intitula o filme representa todo este espírito libertário (e poético), já que ele ousa dizer o que todos pensam: que o soberano do reino imaginário da Taquicárdia é um déspota medíocre (a figura do Rei foi o “molde” para a personagem do ridículo Lorde Farquaad do popular filme de animação americano, completamente digital, **Shrek** [2001]). O insulto “criminoso” é como o fósforo que desencadeia a ação: primeiro seguimos a perseguição à Pastora e ao Limpa-chaminés, cujo amor o Rei censura, porque “está escrito” que a donzela lhe pertence; mais tarde, a rebelião dos oprimidos e, no fim, assistimos à ação dramática da mão, por baixo da qual, naquele derradeiro fotograma, jaz o que resta da pequena gaiola onde parece caber toda a velha ideologia. É importante notar que o filme começou a ser pensado “em cima” dos acontecimentos traumáticos da Segunda Guerra Mundial, algo que infiltra a caracterização do “grande líder”, nomeadamente o seu discurso: quando o malévolo Rei envia os dois heróis, o Pássaro e o Limpa-chaminés, para o “submundo”, acrescenta “O trabalho é a liberdade”, óbvia reciclagem do nefando *slogan* nazi “Arbeit macht frei”.

De facto, o trabalho de Grimault também foi um exemplo de resistência ao longo do tempo: a produção deste filme começou no longínquo ano de 1948, tendo depois sido apropriado pelo seu produtor e lançado numa versão incompleta, algo que tanto Grimault como Prévert sempre repudiaram. Até que cerca de vinte anos depois, em 1967, o realizador ganhou posse dos direitos do filme e iniciou o que viria a ser a versão final e definitiva deste clássico maior do cinema de animação. Essa versão estrearia comercialmente em 1980. Já referimos a influência desta obra, bem assim como das suas anteriores versões, no cinema de animação vindo de Hollywood, mas talvez quem mais vezes reviu e absorveu as lições de Grimault tenha sido o japonês Hayao Miyazaki, seja no grafismo (veja-se o excitante traço do filme de ação, de perseguição e resgate, que é **Rupan sansei: Kariosutoro no shiro/Lupin III: The Castle of Cagliostro** [1979]), seja no universo fantástico, que esconde uma poderosa alegoria política, consubstanciado no também embrionário, para citar mais um exemplo de um *early* Miyazaki, **Kaze no tani no Naushika/Nausicaä do Vale do Vento** (1984). Este cuidado com os cenários e uma ação “estendida” no espaço são elementos que migram, visivelmente, do clássico francês para os mundos de Miyazaki, como se **Le roi et l’oiseau** constituísse, de facto, uma espécie de moldura estética para a idade moderna no seio da animação dita tradicional, isto é, realizada sobre desenhos. Poucos filmes – ainda para mais com uma produção tão atribulada – fizeram escola como este **Le roi et l’oiseau** fez e poucos acedem, como esta fábula acede, a uma mensagem tão universal quanto pertinente. Porque nunca faltarão gaiolas para esmagar.

Luís Mendonça